

O GLOBO

SÁBADO 4.2.2017

O Prêmio Faz Diferença chega à 14ª edição, homenageia os destaques em 17 áreas e escolhe como Personalidades do Ano as pesquisadoras Adriana Melo e Celina Turchi. Com estudos sobre o zika, Adriana foi a primeira a identificar a presença do vírus no líquido amniótico de gestantes, e Celina comprovou a relação da epidemia da doença com o surto de microcefalia no Nordeste



Prêmio
faz **DIFERENÇA**
O GLOBO

PERSONALIDADES
2016

ADRIANA MELO

CELINA TURCHI



PAÍS ANA JÚLIA ALEIXO RIO TANIA ANDRADE LIMA ECONOMIA IBGE DESENVOLVIMENTO DO RIO HOLOGRÁFICA EDITORA MUNDO NATALICIA TRACY SOCIEDADE/CIÊNCIA E SAÚDE KATIA VERGETTI BLOCH SOCIEDADE/SUSTENTABILIDADE PAULO ARTAXO NETTO SOCIEDADE/EDUCAÇÃO TÁBATA AMARAL ELA DAVID HERTZ ESPORTES RAFAELA SILVA REVISTA O GLOBO MADINA DUVAL BARBOSA SEGUNDO CADERNO/MÚSICA TOM ZÉ SEGUNDO

SOCIEDADE/SUSTENTABILIDADE

Paulo Artaxo Netto

Um dos cientistas mais influentes do mundo, físico dedica trabalho à poluição atmosférica na Amazônia, que influenciará o controle das mudanças climáticas



MARCOS ALVES/29-4-2016

Pouco apoio. Artaxo: professor lamenta dificuldade para obter recursos que viabilizem pesquisa na Amazônia

RENATO GRANDELLE
renato.grandelle@oglobo.com.br

Poucas pessoas entendem as transpirações da Amazônia como Paulo Artaxo Netto, de 63 anos, professor do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP). Desde 1979, quando cursava o mestrado, viaja todos os meses para o Norte do país, onde acumula dados e questionamentos sobre a poluição atmosférica no maior bioma brasileiro. É autor de mais de 400 pesquisas e figura na lista dos 3.126 pesquisadores mais influentes do mundo, criada em 2015 pela consultoria Thomson Reuters. Além dele, o ranking conta com apenas três brasileiros. — A Amazônia concentra uma quantidade de carbono equivalente a 15 anos de emissões de combustíveis fósseis — ressalta. — É uma região crucial para determinar como será o clima do planeta no futuro. A absorção de poluentes pelo bioma é impressionante, mas os cientistas ainda não sabem por quanto tempo a floresta terá essa capacidade. De acordo com o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, órgão global integrado por Artaxo, o Leste da Amazônia poderá passar nas próximas décadas por um processo de savanização. O corte de árvores diminuiria a quantidade de nutrientes disponíveis para cada espécie. — Conhecemos muito pouco o ecossistema da Amazônia, que é extremamente complexo — reconhece Artaxo. — O estudo deve ser interdisciplinar. Por isso, investi em áreas como

a pesquisa sobre a poluição atmosférica e o ciclo hidrológico da região. E não há apenas uma resposta para o enigma. As regiões queimadas, por exemplo, podem conter mais de uma espécie, e cada uma delas reage de uma forma diferente ao aquecimento. Segundo Artaxo, há “um exército” de cientistas de todo o planeta dedicados ao estudo da Amazônia, mas o contingente brasileiro ainda é muito abaixo do ideal. — Não é por falta de interesse ou potencial. Infelizmente, temos uma dificuldade muito grande para conseguir apoio do poder público — lamenta. Além das mudanças climáticas, que vão se manifestar ao longo das próximas décadas, outro episódio mostra como é cada vez mais urgente conhecer a floresta. Nos últimos dois anos, o desmatamento aumentou de cinco mil para sete mil quilômetros quadrados. — O desmatamento caía há 20 anos, e agora houve esse aumento significativo — alerta. — Precisamos implementar novas políticas públicas, que protejam o meio ambiente e explorem a biodiversidade. O físico também dedica parte de seu trabalho à selva urbana. Monitora, desde a década de 1990, a poluição atmosférica em São Paulo e no Rio. Nos últimos anos, o céu clareou, mas agora novos poluentes, como o ozônio, aparecem em um nível cada vez maior. Dividido entre mata e metrópole, Artaxo observa como ainda há muito o que ser feito.

JURADOS: William Helal Filho, Milton Calmon Filho e Roberto Maltchik (O GLOBO); e Thelma Krug (matemática).

“Conhecemos muito pouco o ecossistema da Amazônia, que é extremamente complexo. O estudo deve ser interdisciplinar”

SOCIEDADE/EDUCAÇÃO

Tábata Amaral

Vinda da periferia de São Paulo, jovem conquistou vaga em Harvard e criou o Movimento Mapa Educação, que busca colocar o tema no centro do debate político



ARQUIVO PESSOAL

Sonhando alto. Estudante também inventou projeto que ajuda alunos a se preparar para olimpíadas de ciências

PAULA FERREIRA
paula.ferreira@infoglobo.com.br

Tábata nem sabia falar inglês quando decidiu que Harvard era o lugar onde iria estudar. Mas, até conquistar o sonho, teve que enfrentar o abismo que separava a menina, nascida na periferia de São Paulo e aluna de escola pública, de uma universidade americana. Para transpor as dificuldades, ela conta que só o esforço não foi suficiente. — O que mais faz diferença são as chances que as pessoas têm. Eu tive essas oportunidades, tive toda uma rede que me fez acreditar que aquilo era para mim. Depois de tudo isso, vem o esforço — conta Tábata Amaral, que aos 23 anos já é formada, com honra, em Astrofísica e Ciências Políticas pela Universidade Harvard. De volta ao Brasil, em 2014, junto com outros dois amigos, a jovem criou o Movimento Mapa Educação, que tem como objetivo trazer o tema para o centro do debate político e promover o engajamento de jovens na busca por uma educação pública de qualidade para todos. Para isso, são realizados, por exemplo, encontros de formação. — Vamos ter educação para todos quando isso for de fato prioridade para o Brasil. A transformação de verdade só vai acontecer pela educação pública — opina. — No Brasil, a escolha de quadros na área é muito política. Quem vai ser ministro, quem vai ser secretário é, na maioria das vezes, uma escolha política e não técnica. Isso é muito ruim. Antes de criar o Mapa, ainda no ensino médio,

a estudante já havia colocado em prática o VOA! — Vontade de Aprender Olímpica, um projeto que promove encontros e grupos de estudos para preparar alunos de escolas públicas para olimpíadas de ciências. Ao longo de sua trajetória, Tábata participou de cinco competições científicas internacionais e conseguiu uma bolsa integral em uma escola privada de São Paulo, onde passou a frequentar a partir da sétima série. Diferentemente de grande parte das crianças, estudar nunca foi uma chateação para ela. Desde pequena, os livros eram um refúgio quando os problemas de uma infância difícil apareciam. Filha de pais exigentes, que queriam que os filhos conquistassem a formação que os próprios não puderam ter, ela diz que a educação sempre teve lugar cativo na casa dos Amaral de Pontes. — Quando as coisas ficavam muito complicadas em casa, eu lia muito. A leitura sempre foi uma maneira de escapar dos meus problemas — conta. — A principal diferença para as outras famílias do bairro é que eu e meu irmão nunca precisamos trabalhar como as outras crianças. Meu pai fez de tudo para a gente não ter que trabalhar e assim poder se dedicar aos estudos. A transformação radical de sua história fez com que desejasse o mesmo para outras pessoas. E, ainda que tenha criado o Mapa e o VOA!, Tábata jura que ainda não é o suficiente. Por isso, seus planos vão além: — Meu sonho é ser presidente. **JURADOS:** William Helal Filho, Eduardo Diniz e Antônio Gois (O GLOBO); e Patrícia Gomes de Azevedo (diretora de escola pública).

“Vamos ter educação para todos quando isso for de fato prioridade para o Brasil. A transformação de verdade só vai acontecer pela educação pública”